

180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E DO JORNALISMO

José Isaías Venera¹, jivenera@gmail.com

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre o campo da comunicação e do jornalismo, com o propósito de identificar sob quais aspectos o poder se articula aos processos de assujeitamento e subjetivação. Tem como objetivo evidenciar contextos históricos que permitiram a formação do campo da comunicação e das reflexões teóricas do início do século XX aos estudos contemporâneos. Considera-se que as investigações no campo de jornalismo implicam os jogos de linguagem e de poder, na dimensão estética, nas políticas de comunicação, nas mudanças estruturais da rotina de produção e nos sentidos que escapam à estrutura de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Jornalismo. Teorias.

1. DA LUTA PELO DOMÍNIO DO CAMPO SIMBÓLICO À CRÍTICA AOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

No século XIX, os processos de reprodutibilidade técnica davam sinais de que se estenderiam às camadas mais profundas da cultura e participariam efetivamente das novas formas de subjetivação. Não somente no consumo de bens, mas, sobretudo, pela virtualidade das narrativas em jornais, cartazes, folhetins (posteriormente pelos meios eletrônicos e, finalmente, pela comunicação não linear no ciberespaço), atravessando diferenças sociais e morais. Um campo simbólico produzido em escala sem precedentes se formava.

¹ Jornalista e doutor em Ciências da Linguagem. Professor do curso de Jornalismo da Univali e Publicidade e Propaganda da Univille. E-mail: j.i.venera@gmail.com



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Século em que a instrução pública se iniciava no continente das luzes, não mais circunscrita à elite econômica ou à burguesia, mas que se efetivaria mesmo no pós-Primeira Grande Guerra, no século XX. Esse processo favoreceu, na comunicação, a reprodutibilidade do campo simbólico, tendo a notícia como principal produto. Como um vírus que naturaliza o que é da ordem cultural mediante o aprimoramento de técnicas – gênero notícia – e o desenvolvimento de tecnologias – fotografia, impressão *offset* etc. –, a realidade passou a ser esquadrinhada, os espaços de visibilidade começaram a ser controlados e os sentidos fabricados.

Ao olhar do consumidor, um imaginário formava-se por intermédio das tecnologias do campo simbólico, que reproduziam textos, imagens e movimentos articulados numa gramática midiática. O pensamento já pensado passava a ser reproduzido em série para tornar-se o pensamento da maioria, o que no jargão marxista caracteriza a ideologia dominante. Tal movimento passou a inibir a razão, que era, em muitos casos, limitada às variações possíveis do que era partilhado no campo de visibilidade. Na prática jornalística, a narrativa, cada vez mais objetivada, alcançava com a fotografia o mais perfeito efeito de real, ou, melhor, efeito para se passar por real o que é da ordem da linguagem.

Século em que os jornais chegavam à classe operária, o que criou as condições de possibilidade para o nascimento da notícia. Sob a égide do pensamento positivista (cujo desenvolvimento se deu na sociologia do Iluminismo), a nova narrativa produziria um efeito potente, de supor a neutralidade do repórter perante o seu objeto de investigação, com base no método objetivo de apuração dos fatos. Como resultado, uma nova tipologia discursiva, escrita em terceira pessoa e fundamentada nos vestígios que têm importância social para constituir fatos jornalísticos.

Na época – ainda no século XIX –, uma importante ruptura, na medida em que se lançavam as bases para um novo paradigma: fornecer



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

informação, e não mais propaganda. O jornalista, como produtor da notícia, não deveria mais derramar sua subjetividade sobre a narrativa, sustentada, desde então, em fatos, e não mais em opiniões. Dessa busca se delineou o campo epistemológico do jornalismo moderno, tema principal dos trabalhos de Traquina (2012).

De um lado, as chaminés das fábricas não paravam de expelir fumaças para a produção de artefatos de consumo, e, de outro, fardos de jornais eram levados para os principais cruzamentos das grandes cidades, de onde se podia ouvir, nos Estados Unidos, o grito dos chamados *newsboys*: Extra! Extra!

Os primeiros jornais periódicos, como mostra Frabre (1980), são do início do século XVII, com a publicação de uma das primeiras gazetas semanais, em 1609, em Estrasburgo, cerca de um século e meio da invenção da prensa, de Johannes Gutenberg (1394-1468). Mas o jornal moderno adquiriu sua face de meio de massa quando se inseriu na nova discursividade – a notícia – e, como produto comercializado, não mais se restringiu às elites econômicas, ou à nobreza, assumindo, assim, o sentido de massa (voltado para todos). Foi quando a estruturação da rotina de produção do jornalismo moderno produziu seu principal mito: ser o guardião dos interesses do povo e, por isso, chamado de quarto poder.

Todavia, foram os eventos traumáticos do início do século seguinte, o século XX, que revelariam a face contraditória das ideias iluministas, a de que a ciência e a técnica não somente promoveriam a emancipação humana – libertando, por exemplo, as pessoas das amarras das ideias místicas e teleológicas que dominavam a Idade Média –, bem como também dariam as condições para a destruição em massa da vida. As técnicas e as ciências mais avançadas estavam condensadas nos equipamentos bélicos, nas armas de destruição em série e nas táticas de guerra. Contradição do mundo moderno, marcado pelo avanço da técnica, da tecnologia e do desenvolvimento da ciência, que deveriam libertar a humanidade do estado de tutela (tese kantiana), esse



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

mundo adquiriu, ao contrário, dimensão globalizada de servidão voluntária, com os processos de massificação da cultura e do campo simbólico.

Em vez de o esclarecimento (com princípios universais) iluminar o caminho para conduzir a humanidade à sua maioridade, o que se desenvolveu foi a formação de uma sociedade mediana (o mesmo que medíocre), que teve seu desejo cooptado pela *indústria cultural*, ao levar a maioria a se repetir no gozo incessante do consumo. Temática que está no centro de *Dialética do esclarecimento* (1985), de Adorno e Horkheimer, concluída no fim da Segunda Guerra Mundial.

Foi no período entreguerras (1918-1939) que os Estados nação passariam por uma revelação: o domínio de um povo, ou de uma nação sobre a outra, se daria, principalmente, pelo controle do campo simbólico por intermédio dos meios de comunicação de longo alcance. Não foi por acaso que os estudos teóricos sobre o campo da comunicação começaram nesse ínterim.

Seria mais eficiente controlar os discursos do que a coerção sobre os corpos, mesmo que, na prática, uma não tenha excluído a outra. Esse binômio corpo e mente já apareceria no século XVIII enquanto projeto da modernidade, a partir do utilitarista inglês Jeremy Bentham (1748-1832), com o *panóptico*, ou seja, uma arquitetônica para disciplinar os corpos (na maneira como o preso ficaria confinado) e que, pela sua dinâmica de funcionamento, produziria no sujeito-presos autovigilância (produzindo uma instância semelhante ao que Freud nomeou, na sua segunda tópica, de superego). Baseado nesse projeto de vigilância, Foucault desenvolveu uma arqueogenealogia da sociedade disciplinar com a publicação de *Vigiar e punir* (1989), em 1975.

Nos meios de comunicação de massa do século XX, esse princípio subjacente se daria pela disciplina do olhar (classificando e selecionando o que se deve ver, como se os jornais fossem o grande farol que ilumina o interior das casas e dos estabelecimentos) e pelo controle dos sentidos (como se deve



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

interpretar a realidade e as emoções que devem ser despertadas – paixão, cólera etc. –, produzindo assim, de modo mecânico, uma instância social superegoica).

O uso estratégico dos meios de comunicação de massa para moldar a opinião pública, tanto por parte dos países com regimes políticos totalitários – particularmente a Alemanha nazista (1933-1945), a Itália fascista (1922-1945) e a Rússia pós-Revolução Comunista de outubro de 1917 (1917-1991) – quanto nas democracias representativas, com destaque para os EUA, remonta ao início dos problemas em torno do poder e da dominação sobre o qual iniciam as primeiras reflexões que dão origem ao campo científico da comunicação. Em torno esta problemática, Walter Lippmann, considerado um dos fundadores do discurso do campo da comunicação com a publicação de seu livro *Opinião pública* (2008), em 1922, cunhou a expressão “fabricar consenso”, mas no sentido positivo, já que via o público como o local do caos. Noam Chomsky tornou a expressão famosa posteriormente, mas desta vez no sentido crítico.

A realidade passaria a ser representada, sobretudo, por alguns pontos de vista, projetados pelos meios de longo alcance, que entrariam nas casas sem pedir licença e se infiltrariam pelos sentidos, principalmente da visão e audição, delineando o funcionamento do campo simbólico que se misturaria com a subjetividade dos consumidores, constituindo, de tal maneira, o imaginário social.

O campo da comunicação nasceu sob os efeitos dessa problemática, dos processos de comunicação de longo alcance, das representações simplificadas resultando em estereótipos (LIPPMANN, 2008) a serviço de um *status quo* e dos usos que se pode fazer ao recorrer ao domínio dos meios. Contexto difícil, que se desdobrou em diferentes formas nas teorias do jornalismo, sob uma constatação: a autonomia do jornalista é sempre relativa, diante dos interesses econômicos e políticos em que os veículos estão inseridos.

Como se pode observar, o campo da comunicação – o que inclui o jornalismo – é estabelecido em torno dos problemas do poder e da dominação,



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

mediante os meios de comunicação, da linguagem, da codificação e dos efeitos no processo de recepção. Questões marcadas pelas condições materiais e subjetivas do início do século XX que levaram à busca da fórmula mais eficiente para configurar a linguagem “perfeita” em cada meio, no qual os *mass media* funcionariam como estímulo às massas à espera de uma resposta precisa.

A partir dessa intenção presente nas sistematizações dos processos comunicacionais, desenvolveu-se nas primeiras décadas do século XX a corrente Funcionalista (ou *Mass Communication Research*), para a qual os meios de comunicação podem ter função de equilíbrio da sociedade. No final dos anos 30 até por volta dos anos 1950, a *Mass Communication Research* alcançou seu apogeu (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 46).

As investigações ficaram conhecidas também como “Teoria Hipodérmica” ou “Teoria da Bala Mágica”, expressões dadas posteriormente a um modo de interpretar os efeitos de longo alcance dos meios de comunicação na primeira metade do século XX, referência que se popularizou sobretudo pela obra de Mauro Wolf (1986).

A consolidação dos estudos dos efeitos viria com a famosa fórmula do pesquisador Harold D. Lasswell, em “A estrutura e a função da comunicação na sociedade” (1971), de 1948: quem diz o quê, a quem, através de qual canal e com que efeito?

Mattelard, ao comentar a produção de Lasswell, faz uma observação sobre outro livro, anterior ao já citado, *Propaganda Technique in the World War*, de 1927, entendendo que a principal contribuição da obra é responder a pergunta: “onde residia a novidade da Primeira Guerra Mundial?” A resposta: “na necessidade de uma ‘gestão governamental da opinião” (1994, p. 73).

Como podemos observar, as questões em torno do poder e dominação estão no centro do debate. Essa preocupação não está desconectada com as elaborações feitas por personagens que viriam a ocupar o centro das formas mais cruéis de dominação, mesmo que com objetivos bem diferentes. A



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

busca pelo controle das massas, ou de “gestão governamental da opinião”, fez com que Hitler escrevesse um capítulo em seu livro *Minha luta* (1925), publicado em 1925, sobre a “propaganda de guerra”, indicando os caminhos para tocar o coração da massa. Na década seguinte, o rádio e o cinema seriam seus grandes aliados para colocar em prática o projeto nazista – o mesmo que dizer: estruturar um campo simbólico favorável ao imaginário nazista. Como mostra o historiador Alcir Lenharo (1998, p. 53), “calcula-se que foram produzidos 1.350 longas-metragens nos doze anos de domínio nazista”, e parte dessa produção era exibida nas 40 mil escolas com salas de projeção, de um total de 62 mil.

Enquanto o Estado e as instituições privadas buscavam o domínio do campo simbólico, a resistência articulava-se e emergia nas condições socioculturais causando ruído nos aspectos ideológicos da informação, ou nos espaços acadêmicos com as reflexões sobre a sociedade. A crítica não se desenvolveu somente na tentativa de desterritorialização do campo simbólico dominante, que se apresentava como pensamento único. As condições materiais da classe operária, nos séculos XIX e XX, determinaram em parte a formação de processos de subjetivação, entre eles, por meio de jornais voltados para os interesses de classe, muitos deles com apoio dos sindicatos, mas também de partidos políticos criados para representar os interesses das diferentes categorias de trabalhadores. Resistência (contra-hegemonia) pela qual houve condições para a formação da mídia alternativa.

2. CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO TEÓRICO

No contexto entreguerras, começaram as duas primeiras e, por longo tempo, principais correntes teóricas da comunicação – ao menos adquiriram essa perspectiva a posteriori das primeiras formulações, quando se consolidou o campo da comunicação, com os cursos de graduação, de pós-graduação, de pesquisa acadêmica e de associações de pesquisadores.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

De um lado, estava a Teoria Hipodérmica (da manipulação), com influência explícita do behaviorismo, seguida das teorias da persuasão, da empírica, assumindo complexidade, no paradigma funcionalista, com os efeitos limitadas para o poder dos meios de comunicação na relação com os indivíduos. De outro, a Escola de Frankfurt, com início no Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, em 1923, reunindo filósofos judeus alemães na então República de Weimar, até 1933, quando foram obrigados, na ascensão de Hitler ao poder, a emigrar, na sua maioria para Genebra e, depois, para Nova York. Entre os autores que se destacaram, estavam: Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas. As pesquisas sob orientação crítica precisam ser entendidas como uma análise da “cultura de massa”, a qual desde o século XIX já era alvo de reflexões, com Le Bon, Ortega y Gasset e Eliot.

As pesquisas integradas à sistematização dos processos de comunicação delineavam os estudos no emissor, no meio, no código e na recepção. Do ponto de vista crítico, à sociedade integrada aos processos de produção se alienava enquanto a cultura era reificada.

Para além dos *integrados* e dos *apocalípticos*, para usar a expressão generalista de Eco (2001), as análises sobre os meios de comunicação e sua relação com a sociedade, a partir dos anos 1970, já davam ênfase às microrrelações de poder e ao circuito de afetos na cultura. As metanarrativas, ou seja, as grandes explicações que buscavam dar conta de interpretar a sociedade, aos poucos, perdiam território. Passaria a não ser bem vista a redução das análises sob a perspectiva de um mundo dividido entre duas classes, entre os que dominam os modos de produção e aqueles que vendem a força de trabalho, tampouco que os avanços tecnológicos criariam uma aldeia global que relativizariam nossas diferenças culturais e conduziriam a humanidade para uma “sociedade mundial” guiada por ideias em comum, como na tese de Marshall McLuhan. No mundo contemporâneo, as tensões geradas com os



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

novos fluxos imigratórios do Oriente para o Ocidente – como no Brasil a entrada dos haitianos, após o terremoto em 2010 –, evidenciam o oposto de interesses comuns em esfera global.

Destacavam-se, entre os estudos que se voltariam às tensões entre o local e o global, os estudos culturais, na Inglaterra dos anos 1970, e que logo atravessariam os mares influenciando os estudos latino-americanos. Outra referência da mesma época, partindo da França embriagada pelo estruturalismo, é a tendência de um modo de pensamento chamado de pós-estruturalismo. De um lado, a cultura passou a ser o *background* das análises. De outro, os afetos, o caos, o imaginário, a singularidade, o desejo, o acontecimento como a parte que não se integra ao campo simbólico dominante retiraram a soberania da estrutura da linguagem sobredeterminando a subjetividade. O sujeito, na tensão entre estrutura e caos, emergiu na abertura cindida pela divisão. Houve também a tendência de abarcar esses novos movimentos ao pós-modernismo. Hall, Canclini, Barbeiro, Barthes, Maffesoli, Baudrillard, Foucault, Deleuze etc. Juntos, misturados, mas diferentes.

Um ponto parece sobressair nas análises de mídia, a realidade como construção midiática. Produzida pela mídia corporativa ou pelos processos não lineares de comunicação, a realidade é, porém não só, uma partilha de sentidos produzida pelos processos de comunicação.

As análises da cultura midiática e das linguagens podem adquirir várias perspectivas: representação, imaginário, discurso, espetáculo, simulacro, hiper-realidade, sentido, acontecimento e acontecimento discursivo. Os conceitos não são sinônimos, contudo apontam para um mesmo diagnóstico, o mal-estar entre as formas de produção e controle dos processos de assujeitamento² (nada mais assustador que os algoritmos mapeando nossos

² O uso do termo é na perspectiva de Michel Foucault (1989), no qual o sujeito se constitui nas relações entre o poder e o saber, demarcando os processos de assujeitamento e subjetivação, ou seja, os modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

desejos para, por intermédio da combinação de dados, oferecer demandas de consumo), bem como todo um círculo de afetos que se formam (processos de subjetivação) apesar do movimento de objetivação e mercantilização da vida.

Foi o que ocorreu com os estudos de Michel Maffesoli, ainda nos anos 80 do século passado, ao usar o termo “tribos urbanas” (MAFFESOLI, 2000) para dar conta dos microgrupos que se formavam à revelia do individualismo e da sociedade massificada, fazendo, para o autor, emergir um novo tempo, o das tribos que se identificam pelas dimensões afetiva e sensível. Caminho que pode se apresentar ainda mais pertinente para entender a multiplicidade de grupos que se formam nas redes sociais da internet.

Os objetos da comunicação encontram-se numa gangorra, nos processos para ordenar a vida por meio da técnica, da tecnologia e da linguagem e também da vida, que vai muito além das estruturas e das estratégias comunicacionais, abrindo campo para perceber as paixões, os afetos, as identificações etc. Nesse segundo aspecto, entre outros, os estudos barthesianos, com destaque ao obtuso, que diz respeito ao sentido, parecem se “estender para lá da cultura, do saber da informação” (BARTHES, 1984, p. 45). Ou seja, para lá das estruturas discursivas ou sociais que buscam enquadrar o sujeito.

3. CONSIDERAÇÕES

O jornalismo está no olho do furacão. Nunca foi tão desacreditado e, ao mesmo tempo, tão usado para afirmar pontos de vista ou demonizar outros. Muda-se o ponto de vista, alteram-se os ataques. Tempo em que o discurso não tem mais ligação com o “real”, e a verdade parece mesmo ser da ordem do simulacro (efeito de verdade), deixando de resultar das condições materiais de existência.

Por isso, a investigação do campo de estudos jornalísticos não pode se resumir aos pressupostos objetivos (o que já conota uma posição discursiva que remonta ao pensamento positivista), mas da prática implicada nos jogos de



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

linguagem e de poder, na dimensão estética, nas políticas de comunicação, nas mudanças estruturais da rotina de produção e nos sentidos que escapam à estrutura de comunicação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FABRE, Maurice. **História da comunicação**. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1989.

LASSWELL, H.D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Companhia Editora Nacional, 1971.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Escuta, 1987.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: O Triunfo da Vontade**. São Paulo: Ática, 1998.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Moraes, 1983.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MATTELART, Armand. **Comunicação mundo: História das ideias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012. v. 1.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1986.

